



SUSTENTABILIDADE FINANCEIRA: UM ESTUDO MULTICASO EM MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA-PB

Débora Gerlane Gomes de Alcântara (UFPB) -econ.debora@gmail.com

Micalane Cordeiro Bezerra (UFPB) -micalanecordeiro@gmail.com

Resumo:

A sustentabilidade é um tema multidisciplinar que vem ocupando espaço cada vez maior no mercado e na produção de trabalhos acadêmicos. O presente trabalho trata da sua aplicação no viés financeiro com o intuito de contribuir para o desenvolvimento financeiro das micro e pequenas empresas do município de João Pessoa-PB. Como objetivo geral busca-se analisar a sustentabilidade financeira em micro e pequenas empresas a partir dos indicadores de liquidez, atividade, endividamento e rentabilidade. A pesquisa se caracteriza como um estudo múltiplo de caso realizado em 8(oito) empresas classificadas como MPE. É de caráter bibliográfico, documental, exploratório e descritivo com abordagem do problema através de análise quantitativa e qualitativa. Para obtenção dos resultados foram analisados os Balanços Patrimoniais e DRE's dos três últimos exercícios(2011-2013) das empresas pesquisadas e também foi aplicado um questionário junto aos gestores. Os resultados da pesquisa apontam que, do total de empresas analisadas, (3)três delas apresentam a sustentabilidade financeira ameaçada, pois a margem de lucro líquida de 3% a 7% é considerada muito baixa, não permitindo nenhum tipo de investimento ou crescimento. Este é o momento de repensarem sua gestão financeira e administrativa, tendo em vista que os seus indicadores de liquidez, atividade e rentabilidade se mostram baixos, porém positivos. Outras 4(quatro) empresas se enquadram numa margem de lucro líquida entre 17% e 46% o que lhes permite uma situação de sustentabilidade e solvência mais confortável. Apenas (1)uma das empresas não apresenta sustentabilidade e solvência de acordo com os indicadores calculados, pois os mesmos encontram-se negativos para os padrões desejados. Os indicadores financeiros juntamente com a escala de solvência do modelo de Kanitz(1974) se mostram eficazes na avaliação de sustentabilidade das empresas pesquisadas, porém não são suficientes, haja vista a necessidade de integração dos demais fatores de sustentabilidade como os que estão propostos no modelo de Xisto(2007) e o modelo próprio proposto nesse estudo, os quais avaliam respectivamente a integração de variáveis quantitativa e qualitativa como capital de giro, geração de valor, gestão financeira, inovação, aspectos sociais e ambientais, e relacionamento com os stakeholders.





Palavras Chave:

Sustentabilidade Financeira. Gestão Financeira. Micro e Pequenas Empresas

1. Introdução

As organizações empresariais têm como pressuposto a continuidade, e para que esta seja mantida, por vezes, faz-se necessário admitir um gerenciamento bem estruturado e planejado dos recursos para assim possibilitar aos dirigentes uma tomada de decisão confiável que proporcione o alcance dos objetivos traçados.

Conforme o último levantamento realizado pelo Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE-SP 2013), a taxa de sobrevivência das empresas com até 2 anos de atividade no Brasil foi de 75,6% (nascidas em 2007), essa taxa foi superior à calculada para as empresas nascidas em 2006 (75,1%) e nascidas em 2005 (73,6%), assim os dados demonstram que a taxa de mortalidade, que é complementar à da sobrevivência, para as empresas com até 2 anos caiu de 26,4% (nascidas em 2005) para 24,9% (nascidas em 2006) e posteriormente para 24,4% (nascidas em 2007).

A mesma pesquisa constatou que no estado da Paraíba 19,5% das empresas comerciais constituídas em 2007 fecharam até o ano de 2013 e um dos principais problemas detectados nessas organizações é a falta de uma gestão financeira eficiente (SEBRAE-SP, 2013)

Assim, com base nas dificuldades enfrentadas pelos empresários no seu negócio, o presente estudo justifica-se pela necessidade de comprovar que a sustentabilidade financeira é imprescindível e primordial para a longevidade das atividades das micro e pequenas empresas (MPEs).

Nesse sentido, essa pesquisa busca investigar a sustentabilidade financeira em micro e pequenas empresas a partir da seguinte questão central: **É suficiente avaliar a sustentabilidade financeira em micro e pequenas empresas do município de João Pessoa-PB, através da análise de indicadores de liquidez, atividade, endividamento e rentabilidade?**





III Simpósio de Engenharia de Produção

GESTÃO DE INFORMAÇÕES COMO APORTE DE COMPETITIVIDADE PARA ORGANIZAÇÕES PRODUTIVAS

A partir dessa problematização definiu-se como objetivo geral investigar a sustentabilidade financeira em micro e pequenas empresas através dos indicadores financeiros. A título de objetivos específicos buscou-se: calcular e analisar os indicadores de liquidez, atividade, endividamento e rentabilidade com base no Balanço Patrimonial e Demonstração de Resultado (DRE) das empresas pesquisadas; avaliar a sustentabilidade financeira com referência ao grau de solvência proposto por Kanitz (1974); demonstrar a influência dos modelos de sustentabilidade que contemplam aspectos ambientais, sociais e comportamentais.

O estudo e entendimento da utilização de indicadores financeiros para a tomada de decisão é relevante, do ponto de vista teórico, contribuindo para o crescimento da literatura relacionada ao tema, e prático, através da indicação aos gestores sobre o desempenho atual da empresa com base na análise das suas demonstrações financeiras.

2. Referencial Teórico

2.1 As Demonstrações Contábeis

As Demonstrações Contábeis referem-se a um conjunto de informações apuradas durante um determinado período de tempo e que são necessárias para evidenciar a situação patrimonial e os resultados do exercício das organizações.

É fundamental que os gestores entendam que as demonstrações financeiras são essenciais para administrar um negócio e saber como utilizá-las possibilita uma tomada de decisão mais consistente.

Nessa pesquisa os demonstrativos contábeis utilizados nas análises foram o Balanço Patrimonial, que é um dos demonstrativos contábeis mais importantes, por refletir o estado patrimonial da empresa em um determinado momento, e que por sua vez, está dividido em três grandes grupos: Ativo, Passivo Exigível e Patrimônio Líquido, sendo o Ativo e o Passivo subdivididos em: circulante e não circulante; e a Demonstração do Resultado do Exercício (DRE) que segundo Marion (2009) “é um resumo ordenado de receitas e despesas da empresa em determinado período, normalmente 12 meses.”





Sendo esta uma das demonstrações financeiras exigidas pelos bancos, fornecedores, investidores e outros, por disporas contas de resultado, ou seja, a apresentação de lucro ou prejuízo do exercício.

Segundo Assaf Neto e Lima (2010), além de apresentar as receitas e despesas, a DRE também engloba os ganhos e as perdas do período e são apurados por regime de competência, ou seja, os registros são feitos independente dos pagamentos e recebimentos.

2.2 Capital de Giro

Matias (2007, p.33) argumenta que “os elementos de giro correspondem aos recursos correntes (curto prazo) da empresa, como o ativo circulante e o passivo circulante, e de que maneira estes elementos estão inter-relacionados”. O capital de giro, portanto, se refere aos recursos necessários para uma organização financiar suas necessidades operacionais, no prazo de um ano.

Conforme Santos (2010, p.8) “o capital de giro é representado pelo ativo circulante ou ativo corrente, composto pelas disponibilidades financeiras, contas a receber e estoques”. Assaf Neto e Lima (2010, p.286), concordam com essa ideia, pois defendem que o capital de giro são os ativos circulantes mantidos por uma empresa e utilizados para financiar seu ciclo operacional, ou seja, é o valor total dos recursos que serão utilizados para o período correspondente da compra de mercadorias (matéria-prima) até a venda e recebimento do produto vendido.

Matias (2007) chama a atenção para a importância da gestão de capital de giro, por ser uma das mais complexas e abrangentes áreas financeiras de uma organização, pois dentre as responsabilidades desses recursos estão as de saldar as obrigações de curto prazo, como pagamento de fornecedores, compra de matéria-prima, pagamento de salários, impostos e outros encargos referentes a operação das empresas.

2.3 Indicadores Financeiros





III Simpósio de Engenharia de Produção

GESTÃO DE INFORMAÇÕES COMO APORTE DE COMPETITIVIDADE PARA ORGANIZAÇÕES PRODUTIVAS

Os indicadores financeiros são ferramentas que possibilitam os usuários conhecer a situação econômica financeira da empresa, de forma a tomar decisões mais acertadas, pois elas permitem uma visão geral do presente e uma perspectiva melhor do futuro.

Assaf Neto e Lima(2010)estabelecem que a forma mais usualmente empregada para a análise das demonstrações financeiras baseia-se na apuração de índices econômico-financeiros.

Esses indicadores revelam a condição global de uma empresa, auxiliando analistas e investidores a determinar se a empresa está sujeita ao risco de insolvência e também se está indo bem em relação ao seu setor de atividade ou aos seus concorrentes.

Nas Micro e Pequenas Empresas(MPE) a utilização dessa ferramenta contribui positivamente para gestão financeira da organização, porém os pequenos empresários vêm a contabilidade apenas como o cumprimento de uma exigência do poder público brasileiro e acabam descartando esse instrumento.

Segundo Assaf Neto e Lima(2010, p.107) “os indicadores de liquidez visam medir a capacidade de pagamento(folga financeira) de uma empresa, ou seja, sua habilidade em cumprir corretamente as obrigações passivas assumidas.” Os índices de liquidez são quatro: o índice de liquidez corrente (ILC); o índice de liquidez seca(ILS); o índice de liquidez imediata (ILI) e o índice de liquidez geral(ILG).De maneira geral a posição de liquidez da empresa é favorável quando o resultado for superior a 1,0, isso mostra que a empresa tem capacidade de saldar seus credores.

Os índices de atividade visam relacionar o ciclo operacional com o giro de caixa da empresa, ou seja, determinar os ciclos que envolvem a renovação dos estoques, os valores a receber de clientes e as obrigações ligadas aos fornecedores.Com a finalidade de entender as atividades das contas circulantes e sua eficiência, existem importantes indicadores de atividade.

Segundo a literatura financeira, os indicadores de endividamento fornecem informações em relação à quantidade de recursos próprios e de terceiros que são utilizados pela empresa para financiar os seus ativos totais e esclarecem também que os indicadores de





rentabilidade têm por objetivo avaliar os resultados auferidos num determinado período de maneira a revelar da melhor forma suas dimensões.

2.4 Sustentabilidade Financeira

Lima et al.(2009) explicam quanto ao conceito de triple-bottonline que o mesmo sugere que o sucesso organizacional é medido não apenas pelo lucro gerado pelo negócio, mas pela integração do desempenho nas dimensões econômica, social e ambiental e contexto atual. Para um negócio ser bem sucedido, lucrativo e gerar valor aos seus acionistas, seu processo de gestão deve estar baseado nessas três dimensões. Embora o estudo aqui proposto priorize analisar os aspectos econômicos das MPE's com o objetivo de diagnosticar a sua sustentabilidade financeira, se faz necessária uma abordagem qualitativa da sustentabilidade em complemento à explicação da problemática exposta nesta pesquisa.

A sustentabilidade empresarial está relacionada com a capacidade de se manter por um período indeterminado de tempo no mercado, ou seja, de maneira a sobreviver às ameaças que podem vir a acontecer.

Branco(2013) em seu estudo objetivou verificar se o desconhecimento dos fatores presentes na sustentabilidade financeira contribui para o insucesso das empresas no Brasil, e um dos primeiros passos dados pelo autor foi descrever fatores condicionantes do insucesso empresarial a partir de modelos de insolvência de 22 autores, dentre eles estava o de Atman(1978) que foi o primeiro a fazer uso da técnica de análise discriminante para avaliar a capacidade de indicadores financeiros presidirem o insucesso empresarial; o de Beaver(1966) que analisa 30 indicadores financeiros dividindo-os em 6 grupos; e o de Kanitz(1974) que desenvolveu uma fórmula para determinação de uma escala de solvência. O resultado obtido com a fórmula é relacionado com uma escala denominada pelo autor de *Termômetro de Insolvência*, onde são caracterizadas solventes as empresas que apresentam valor acima de 0, penumbra são as que estão entre 0 e -3 e insolventes de -3 abaixo. Este último foi o modelo escolhido nessa pesquisa como ferramenta de análise da sustentabilidade financeira das empresas participantes do estudo.



Associado aos indicadores financeiros e escala de solvência, também é relevante avaliar a sustentabilidade das empresas sob a ótica de fatores internos e externos de ordem mais qualitativa, a exemplo do que mostra o modelo de Xisto(2007). Este modelo foca a sustentabilidade financeira como ponto central, onde o quadrante 1 apresenta o capital de giro como elemento interno e de curto prazo; no quadrante 2 temos os riscos operacionais, “imagem”: aspectos ambientais e sociais que são elementos externos e de curto prazo e envolvem aspectos como responsabilidade social, ambiental e ética; no quadrante 3 - ambiente interno e de longo prazo - é apresentado a gestão financeira humana: sucessão e aspectos comportamentais; e no ultimo quadrante 4 - ambiente externo e de longo prazo - está a geração de valor e competitividade ditas relevantes para a obtenção de sustentabilidade financeira. A figura 2 a seguir ilustra este modelo.

Figura 2: Modelo de Sustentabilidade Financeira



Fonte: Xisto (2007, p.92)

Assim, a busca pela sustentabilidade financeira é primordial para as empresas se manterem no mercado por um período indeterminado de tempo e os gestores devem buscar ferramentas como as que são demonstradas nesse estudo para acompanhar o desempenho de suas empresas.



3. Metodologia

A pesquisa se propôs a analisar a sustentabilidade financeira em micro e pequenas empresas do Município de João Pessoa-PB, a partir dos indicadores de liquidez, endividamento, rentabilidade e atividade. Para que este objetivo fosse alcançado foi definido um estudo multicase de caráter bibliográfico, documental e descritivo com abordagem do problema através de análise quantitativa e qualitativa.

Para responder a questão problema deste estudo foram utilizados o Balanço Patrimonial (BP) e a Demonstração de Resultado do Exercício (DRE) dos últimos anos (2011, 2012 e 2013) de 6 (seis) empresas e os dois últimos anos de 2 (duas) empresas, totalizando 8 (oito) empresas participantes da pesquisa. A amostra foi estabelecida por conveniência e acessibilidade, pois, por se tratar de informações contábeis e financeiras, as empresas procuram manter certo sigilo e apresentam resistência no fornecimento dos demonstrativos. A escolha desses dois relatórios contábeis se deu pelo fato de refletirem a situação patrimonial e financeira das empresas, o que possibilitou extrair dados suficientes para calcular os indicadores financeiros a partir de suas respectivas fórmulas, e conseqüentemente a capacidade de sobrevivência e situação de solvência das empresas conforme modelo proposto por Kanitz (1974).

As empresas foram identificadas a partir do seu faturamento como micro e pequenas, e os seus gestores foram submetidos a uma entrevista, a qual teve como objetivo identificar a relação entre o seu perfil de gestor e o comportamento dos indicadores financeiros. Os registros do questionário aplicado na forma de entrevista produziram resultados essencialmente qualitativos referente ao objeto de estudo, tendo sido uma transcrição das opiniões dos respondentes.

4. Resultados e Discussões

O presente estudo de caso foi realizado em 8 (oito) empresas, identificadas como A, B, C, D, E, F, G e H, todas estabelecidas na cidade de João Pessoa-PB e classificadas de acordo com seu faturamento como micro e pequenas empresas, distribuídas nos ramos





III Simpósio de Engenharia de Produção

GESTÃO DE INFORMAÇÕES COMO APORTE DE COMPETITIVIDADE PARA ORGANIZAÇÕES PRODUTIVAS

varejista, atacadista e industrial. A Tabela 1 apresenta os indicadores de liquidez que avaliam a capacidade de pagamento das empresas.

Tabela 1: Indicadores de Liquidez

Indicador de Liquidez Corrente(ILC)			
Empresa	2013	2012	2011
Empresa A	2,28	2,26	3,44
Empresa B	7,12	8,21	11,8
Empresa C	37,25	23,69	26,17
Empresa D	11,43	17,50	7,69
Empresa E	3,97	1,44	-
Empresa F	76,80	34,40	34,24
Empresa G	0,93	0,94	0,95
Empresa H	54,60	29,25	-

Indicador de Liquidez Seca(ILS)			
Empresa	2013	2012	2011
Empresa A	1,38	1,32	1,78
Empresa B	2,55	5,54	7,24
Empresa C	28,78	16,49	15,5
Empresa D	3,60	12,60	3,24
Empresa E	3,14	0,59	-
Empresa F	45,59	22,80	12,80
Empresa G	0,78	0,84	0,88
Empresa H	19,57	3,66	-

Indicador de Liquidez Imediata(ILI)			
Empresa	2013	2012	2011
Empresa A	0,20	0,46	0,47
Empresa B	1,55	3,53	4,39
Empresa C	21,39	15,15	13,53
Empresa D	4,60	12,30	3,19
Empresa E	2,92	0,94	-
Empresa F	2,98	1,49	1,72
Empresa G	0,01	0,01	0,02
Empresa H	18,59	3,66	-

Indicador de Liquidez Geral(ILG)			
Empresa	2013	2012	2011
Empresa A	2,23	2,26	3,44





III Simpósio de Engenharia de Produção

GESTÃO DE INFORMAÇÕES COMO APORTE DE COMPETITIVIDADE PARA ORGANIZAÇÕES PRODUTIVAS

Empresa B	7,16	8,23	11,80
Empresa C	17,67	10,50	22,53
Empresa D	1,09	3,09	4,95
Empresa E	4,11	0,03	-
Empresa F	1,61	1,45	1,70
Empresa G	0,95	0,96	0,99
Empresa H	1,63	1,28	-

Fonte: Elaboração Própria

Na tabela 1 está apresentado o desempenho das empresas em relação aos ILC, ILS, ILI e ILG. Conforme é possível observar, quanto ao ILC, a maioria das empresas possui liquidez suficiente para saldar as dívidas com os seus ativos, exceto a Empresa G, a qual demonstra dificuldades financeiras nos seus três últimos exercícios de forma que em todos eles o seu passivo total é maior que o seu ativo total, ou seja, essa empresa não consegue cumprir com suas obrigações.

A Empresa C, D, F e H possuem altos investimentos em estoque o que gera concentração de ativos e, em decorrência, diminuição da liquidez seca. Uma semelhança que pode ser citada entre as empresas é que a maioria delas teve em 2013 sua melhor liquidez. A Empresa E começou suas atividades em 2012 o que justifica o seu baixo desempenho nos ILS, ILI e ILG para este ano. Porém, em 2013 ela consegue apresentar valores satisfatórios.

Na tabela 2 estão os indicadores de atividade:

Tabela 2: Indicadores de Atividade

Empresa	Prazo Médio de Estocagem (PME)					
	2013	Giro de Estoque (2013)	2012	Giro de Estoque (2012)	2011	Giro de Estoque (2011)
Empresa A	155,41	2,32	128,81	2,79	185,42	1,94
Empresa B	86,29	4,17	147,21	2,45	129,25	2,79
Empresa C	83,97	4,29	195,61	1,84	36,26	9,93
Empresa D	52,10	6,91	65,10	5,53	103,80	3,47
Empresa E	49,49	7,27	48,90	7,36	-	-
Empresa F	589,92	0,61	3.991,90	0,09	-	-
Empresa G	341,30	1,05	368,60	0,98	298,60	1,21
Empresa H	271,92	1,32	-	-	-	-





III Simpósio de Engenharia de Produção

GESTÃO DE INFORMAÇÕES COMO APORTE DE COMPETITIVIDADE PARA ORGANIZAÇÕES PRODUTIVAS

Prazo Médio de Pagamento aos Fornecedores (PMPF)			
Empresa	2013	2012	2011
Empresa A	48,85	45,33	-
Empresa B	11,84	25,85	-
Empresa C	23,95	11,8	-
Empresa D	13,65	4,39	-
Empresa E	49,42	-	-
Empresa F	6,67	35,44	-
Empresa G	172,22	184,45	-
Empresa H	0,51	-	-

Prazo Médio de Cobrança (PMC)			
Empresa	2013	2012	2011
Empresa A	11,96	95,66	89,87
Empresa B	-	59,75	20,37
Empresa C	-	-	-
Empresa D	54,30	2,00	-
Empresa E	-	-	-
Empresa F	295,60	1.562,81	-
Empresa G	4,99	-	23,10
Empresa H	-	-	-

Fonte:Elaboração Própria

O Prazo Médio de Estocagem(PME) revela que as Empresas A, F, G e H apresentam pouca rotatividade de estoque com, 155,41 dias, 589,92 dias, 341,30 dias e 271,32 dias, respectivamente, para o ano de 2013. Tal fato pode ser explicado pelos próprios gestores que durante a entrevista afirmaram que o seu mais frequente investimento é no “estoque” e isso contribui para o excesso de mercadoria e pouca rotatividade.

O Giro de Estoque é obtido dividindo 360(dias) pelo prazo de estocagem, e assim observa-se que a Empresa C apresentou em 2012 seu menor giro, com uma renovação média de 1,84 vezes no ano.

A Empresa H possui poucas obrigações com credores, levando a entender que o pagamento de suas compras é feito a vista ou lhe é oferecido pouco crédito, isso pode explicar o índice 0,51 no seu Prazo Médio de Pagamento a Fornecedores(PMPF) em





III Simpósio de Engenharia de Produção

GESTÃO DE INFORMAÇÕES COMO APORTE DE COMPETITIVIDADE PARA ORGANIZAÇÕES PRODUTIVAS

2013. A Tabela 3 apresentada a seguir mostra os índices de endividamento das empresas participantes dessa pesquisa.

Tabela 3: Indicadores de Endividamento

Empresa	2013	2012	2011
Empresa A	0,78	0,75	0,41
Empresa B	0,11	0,12	0,07
Empresa C	0,06	0,10	0,04
Empresa D	0,57	0,89	0,33
Empresa E	0,33	1,91	-
Empresa F	1,63	2,19	1,41
Empresa G	23,90	29,98	17,14
Empresa H	1,58	4,55	-

Fonte: Elaboração Própria

O nível de endividamento é dado a partir da relação entre as obrigações e os recursos próprios de cada empresa e foi possível constatar que para cada R\$ 1,00 (um real) de seu capital próprio em 2013, a “Empresa A” possuía R\$ 0,78 de dívida, a “Empresa B” R\$ 0,11, “Empresa C” R\$ 0,06, “Empresa D” R\$ 0,57”, “Empresa E” R\$ 0,33“, “Empresa F” R\$ 1,63“, “Empresa G” R\$ 23,90 e a “Empresa H” R\$ 1,58. As Empresas F, G e H têm resultado maior que 1 (um), isso demonstra uma dependência financeira dessas organizações para com o capital de terceiros, já que elas não conseguem saldar suas obrigações e realizar investimentos apenas com o resultado operacional.

Tabela 4: Indicadores de Rentabilidade

Margem de Lucro Bruto			
Empresa	2013	2012	2011
Empresa A	0,33	0,18	0,38
Empresa B	0,29	0,45	0,51
Empresa C	0,58	0,59	0,50
Empresa D	0,58	0,47	0,79
Empresa E	0,58	0,40	-
Empresa F	0,62	0,78	0,86
Empresa G	0,68	0,65	0,73
Empresa H	0,43	-	-

Margem de Lucro Operacional			
Empresa	2013	2012	2011
Empresa A	0,07	0,04	0,22





III Simpósio de Engenharia de Produção

GESTÃO DE INFORMAÇÕES COMO APORTE DE COMPETITIVIDADE PARA ORGANIZAÇÕES PRODUTIVAS

Empresa B	0,07	0,25	0,40
Empresa C	0,03	0,33	0,11
Empresa D	0,28	0,21	0,25
Empresa E	0,17	0,10	-
Empresa F	0,46	0,61	0,68
Empresa G	0,01	0,11	0,16
Empresa H	0,33	-	-

Margem de Lucro Líquido

Empresa	2013	2012	2011
Empresa A	0,07	0,06	0,20
Empresa B	0,07	0,25	0,18
Empresa C	0,03	0,33	0,11
Empresa D	0,28	0,21	0,25
Empresa E	0,17	0,10	-
Empresa F	0,46	0,61	0,68
Empresa G	0,01	0,11	0,16
Empresa H	0,33	-	-

Fonte: Elaboração Própria

Numa breve relação dos índices é possível afirmar que as Empresas A, B e C são empresas que possuem a sustentabilidade financeira ameaçada, pois a margem de lucro líquida de 3% a 7% é considerada muito baixa, não permitindo nenhum tipo de investimento ou crescimento. Este é o momento de repensarem sua gestão financeira e administrativa, tendo em vista que os seus indicadores de liquidez, atividade e endividamento se mostram baixos, porém positivos.

As Empresas D, E, F e H se enquadram numa margem de lucro líquida entre 17% e 46% o que diferente das outras empresas possibilitando que elas tenham recursos suficientes para reinvestir na própria empresa ou na forma de aplicações financeiras ou aperfeiçoamento dos seus processos. Uma atenção especial às Empresas D e H que estão priorizando o uso do seu capital para estoque, e por não ter uma contrapartida proporcional na demanda, está com sua liquidez prejudicada. Quanto a Empresa G, se enquadra no grupo das empresas que não possuem sustentabilidade, pois seus resultados não são favoráveis, apresentando dificuldades de liquidez, problemas no desempenho das suas atividades de pagamento e recebimento.





III Simpósio de Engenharia de Produção

GESTÃO DE INFORMAÇÕES COMO APORTE DE COMPETITIVIDADE PARA ORGANIZAÇÕES PRODUTIVAS

Para confirmar a sobrevivência das empresas e conseqüentemente a sua sustentabilidade financeira Kanitz(1974) desenvolveu uma fórmula para determinação de uma escala de solvência. $K = 0,05 (X1) + 1,65 (X2) + 3,55 (X3) - 1,06 (X4) - 0,33 (X5)$

Onde:

- K= Pontuação Obtida
- X1= Lucro Líquido/Patrimônio Líquido
- X2= (Ativo Circulante + Ativo Realizável à Curto Prazo)/(Passivo Circulante + Exigível à Longo Prazo)
- X3= (Ativo Circulante – Estoques)/Passivo Circulante
- X4= Ativo Circulante/Passivo Circulante
- X5= (Passivo Circulante + Exigível à Longo Prazo)/Patrimônio Líquido

O resultado é relacionado com uma escala denominada pelo autor de *Termômetro de Insolvência*, onde são caracterizadas solventes as empresas que apresentam valor acima de 0, penumbra são as que estão entre 0 e -3 e insolventes de -3 abaixo. A seguir a Tabela apresenta a Escala de Solvência das empresas participantes desta pesquisa.

Tabela 5: Escala de Solvência

Empresa	2013	2012	2011
Empresa A	5,91	5,78	8,23
Empresa B	13,29	24,52	32,66
Empresa C	91,82	50,74	64,45
Empresa D	2,30	31,00	11,43
Empresa E	13,65	0,10	0,00
Empresa F	82,57	46,16	11,49
Empresa G	-4,54	-6,27	-1,40
Empresa H	13,80	-17,40	0,00

Fonte: Elaboração Própria

Quando comparados os dados obtidos com o Termômetro de Insolvência sugerido por Kanitz(1974) é possível constatar que: a “Empresa A”, “Empresa B”, “Empresa C”, “Empresa D”, “Empresa E” e “Empresa F”, nos períodos analisados, se caracterizam de forma continua como solventes, ou seja, todas indicam um futuro promissor, porém a

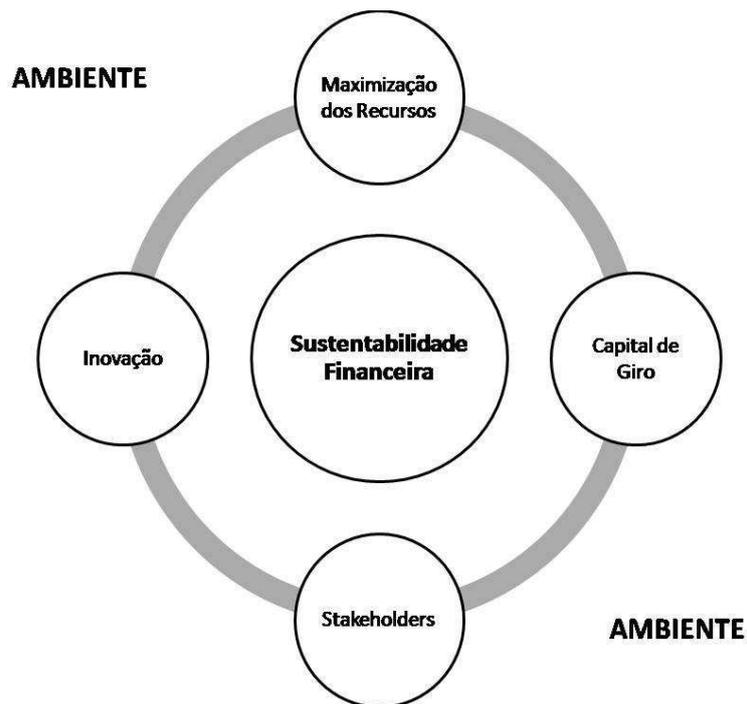


“Empresa D” deve ficar atenta aos seus resultados, pois em 2013 ele foi de 2,30 que indica aproximação do estado de penumbra.

A “Empresa G” demonstra insolvência, sendo passível de falência, enquanto a “Empresa H” em 2012 tinha um fator de insolvência de -17,40 e em 2013 conseguiu reverter esse resultado e encontra-se atualmente inserida no grupo de empresas com solvência.

Após apresentar as várias dimensões da sustentabilidade, a Figura 2, apresenta um modelo próprio de sustentabilidade financeira, sugerido para as organizações, elaborado com base no modelo de Xisto(2007)

Figura 2: Modelo de Sustentabilidade Financeira



Fonte: Elaboração Própria

O modelo apresentado na figura demonstra que para o entendimento da sustentabilidade financeira é necessária a integração desses quatro fatores, embora não precise atender a uma ordem sequencial.

Partindo-se do pressuposto de que não existe sustentabilidade financeira e conseqüentemente sobrevivência caso a empresa não consiga manter seu ciclo



operacional, a empresa precisa então determinar e administrar o seu **Capital de Giro** como recurso de curto prazo imprescindível às suas despesas operacionais. Os **Stakeholders**, que são as partes interessadas na empresa, representam a preocupação contínua da relação com os clientes, fornecedores, colaboradores, investidores, concorrentes, sociedade, meio ambiente, entre outros, a fim de manter-se no mercado. A **Inovação** é essencial, pois as ameaças tendem a aparecer e uma organização que consegue estar sempre se reinventando se destaca dentre os seus concorrentes. Por fim, o controle adequado dos custos e despesas possibilitam aumentar os resultados e atingir a chamada **Maximização dos Recursos**.

Os indicadores financeiros juntamente com a escala de solvência se mostram eficazes na avaliação de sustentabilidade das empresas, porém não são suficientes, haja vista a necessidade de integração dos demais fatores de sustentabilidade como os que estão propostos no modelo de Xisto(2007), Figura 1, e o modelo próprio proposto nesse estudo, Figura 2, os quais se complementam.

Assim, os modelos e os cálculos de indicadores financeiros se locupletam e juntos são ferramentas eficazes para o bom direcionamento das atividades empresariais e para alcance da sustentabilidade financeira.

.

5 Considerações Finais

Essa pesquisa foi estruturada objetivando avaliar a sustentabilidade financeira das micro e pequenas empresas do município de João Pessoa-PB, através da análise de indicadores de liquidez, atividade, endividamento e rentabilidade.

Os resultados da pesquisa apontam que, do total de empresas analisadas, (3)três delas possuem a sustentabilidade financeira ameaçada, pois a margem de lucro líquida de 3% a 7% é considerada muito baixa, não permitindo nenhum tipo de investimento ou crescimento. Este é o momento de repensarem sua gestão financeira e administrativa, tendo em vista que os seus indicadores de liquidez, atividade e rentabilidade se mostram baixos, porém positivos.





III Simpósio de Engenharia de Produção

GESTÃO DE INFORMAÇÕES COMO APORTE DE COMPETITIVIDADE PARA ORGANIZAÇÕES PRODUTIVAS

Outras 4(quatro) empresas se enquadram numa margem de lucro líquida entre 17% e 46% o que lhes permite uma situação de sustentabilidade e solvência mais confortável. Apenas (1)uma das empresas não apresenta sustentabilidade e solvência de acordo com o indicadores calculados, pois os mesmos encontram-se negativos para os padrões desejados.

Os indicadores financeiros juntamente com a escala de solvência do modelo de Kanitz(1974) se mostram eficazes na avaliação de sustentabilidade das empresas pesquisadas, porém não são suficientes, haja vista a necessidade de integração dos demais fatores de sustentabilidade.

As principais limitações deste estudo dizem respeito ao tamanho da amostra o que impossibilita a generalização das informações encontradas para outras empresas do mesmo porte na região pesquisada. Porém, isso se justifica pelo fato de que estudos que buscam desvendar a situação financeira de empresas tendem a oferecer dificuldades na adesão de respondentes, pois os mesmos se sentem ameaçados em divulgar tais dados.

Visando ampliar a base de conhecimento sobre sustentabilidade financeira, sugere-se para realização de estudos futuros a mesma problemática, porém aplicada a uma amostra maior de empresas para que se consiga entender em uma dimensão mais ampla o desempenho das empresas a partir do comportamento dos indicadores financeiros de sustentabilidade.

REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, Alexandre; LIMA, Fabiano Guasti. **Fundamentos de Administração Financeira**. São Paulo: Atlas, 2010.

BRANCO, Adriel Martins de Freitas. **Sustentabilidade Financeira Empresarial no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Administração). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto/USP, Ribeirão Preto, 2013. 136f.

KANITZ, Stephen Charles. **Como prever falências de empresas**. Revista Exame. São Paulo: Abril, dez. 1974. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/61123852/ComoPreverFalenciaEmpresa-Kanitz-2>> Acesso em: 01 Dez. 2014

LIMA, Aline Pereira de. et al. **Implementação do Conceito de Triple BottomLine em Empresa de Pequeno Porte**. V Congresso Nacional de Excelência em Gestão. Disponível em:





III Simpósio de Engenharia de Produção

GESTÃO DE INFORMAÇÕES COMO APORTE DE COMPETITIVIDADE PARA ORGANIZAÇÕES PRODUTIVAS

<http://www.excelenciaemgestao.org/Portals/2/documents/cneg5/anais/T8_0164_0780.pdf>. Acesso em: 01 dez 2014

MARION, José Carlos. **Contabilidade Básica**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MATIAS, Alberto Borges (coordenador). **Finanças Corporativas de Curto Prazo: A Gestão do Valor do Capital de Giro**. Volume 1, São Paulo: Atlas, 2007.

SANTOS, Edno Oliveira dos. **Administração Financeira da Pequena e Média Empresa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010

SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SÃO PAULO (SEBRAE-SP). **10 anos de Monitoramento da Sobrevivência e Mortalidade das Empresas**. São Paulo: SEBRAE-SP, 2008.

XISTO, J.G.R. **Contribuição para o desenvolvimento de um modelo de sustentabilidade financeira de empresas**. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-graduação em Administração de Organizações) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, 2007.

